AS REMESSAS "VISÍVEIS" E "INVISÍVEIS" DA EMIGRAÇÃO AMERICANA E A TRANSFORMAÇÃO DA GALIZA (1890–1930)

RAMÓN VILLARES

INTRODUCIÓN

A história da Galiza contemporânea é difícil de compreender sem julgar a influência que sobre ela exerceu o fenómeno migratório, especialmente o produzido para as repúblicas ibero-americanas, tanto pela magnitude dos fluxos migratórios quanto pelos efeitos de retorno que, em forma de remessas visíveis e invisíveis, aportaram os emigrantes à sua terra de origem. Galiza foi, desde os anos 1880-1890, uma das regiões migratórias europeias com maior intensidade de saídas, que superaram a taxa de 20 por mil durante duas décadas. Mas também foi uma das regiões em que os efeitos de retorno foram mais evidentes e plurais. Em realidade, se não encontra sector ou actividade desenvolvida na Galiza no passado século que não mostre alguma intervenção da emigração e dos seus protagonistas mais diretos, os retornados de América, chamados segundo as comarcas e as épocas, "americanos" ou "habaneiros" (e, contrariamente do que se passa em outras regiões espanholas, raramente "indianos"), que seriam a versão galaica da figura do "brasileiro de torna-viagem", tão comum na região do norte português.

A influência destes emigrantes retornados foi decisiva tanto nos aspectos propriamente materiais e económicos quanto nos sociais, políticos, culturais e mesmo artísticos. De facto, a cosmovisão que o galego moderno conseguiu fazer-se de si próprio e mesmo do inteiro mundo deve muito à influência exterior ou, em outras palavras, esse imaginário foi forjado em grande medida pela mestiçagem cultural que desde meados do século XIX se estabeleceu entre a Galiza e as coletividades de emigrantes radicadas nas diversas repúblicas da América Latina. Já o tinha advertido um grande propagandista da influência da emigração nas sociedades de origem, o asturiano Rafael María de Labra: "Galicia no se comprende

sin América". Intentarei fundamentar em poucas páginas esta afirmação de Labra, baseado num selecto elenco de investigações próprias e alheias que, desde há mais de trinta anos, se ocuparam da questão migratória na Galiza.

Ainda quando a existência de fluxos migratórios é um facto estrutural na paisagem histórica da Galiza desde os séculos do Antigo Regime, foi sobretudo nas décadas finais do século xix e no primeiro terço do xx quando esta influência se transformou em ação coletiva e contribuiu a mudar substancialmente a realidade histórica da Galiza. Não é tampouco uma casualidade que essa influência coincida no tempo com o período que, desde a época medieval, mais intensamente mudaram as bases estruturais da Galiza, num processo de modernização do sector agrário, de aparição de uma indústria moderna ligada ao mar e de uma mobilização e consciência social e política que se tornou visível na recuperação da identidade cultural e política de natureza *galeguista*.

A listagem destas influências não é só elevada, mas também variada e difusa, até o ponto que se acomoda a muitos matizes individuais, na medida em que são o resultado em muitos casos de fortunas pessoais. Mas dentro de toda esta mistura de pequenas e grandes ações, de obras únicas de indianos assinalados, assim como de iniciativas comunitárias animadas por organizações de emigrantes, vamos evocar aqui apenas aquelas intervenções coletivas que, de forma visível ou – o que se torna tão pertinente como falto de gravidade – de modo "invisível", estão na base da modernização cultural e política da Galiza num tempo decisivo da sua história: aquele que vai desde finais do século xix até os anos trinta do século atual.

O objeto desta reflexão não está, contudo, em indicar todas as transformações que houve na Galiza do primeiro terço do século xx nem de todas as consequências que a emigração teve para a Galiza neste período histórico. Felizmente existem, a dia de hoje, numerosas investigações que manifestam estas mudanças, quer no âmbito das mudanças institucionais no regime da propriedade da terra, dos movimentos agrários ou da modernização tecnológica da pequena exploração parcelária [1], quer no âmbito da actividade industrial [2] ou no campo mais concreto dos próprios estudos migratórios [3].

No plano puramente da interpretação da relação entre emigração e sociedade galega, acho necessário reformular a visão que se tem dado à emigração galega como uma fugida da miséria camponesa e como um exemplo

1 VILLARES, 1982; FERNÁNDEZ PRIETO, 1992 e 2000; CABO VILLAVERDE, 1998.

2 NADAL-CARMONA, 2005.

3 VILLARES-FERNÁNDEZ SANTIAGO, 1996; NUÑEZ SEIXAS, 1998; SOUTELO, 2011a.

da frustração histórica da Galiza, o que costuma ser uma das ideias centrais cunhadas pela tradição cultural galega, desde a época da *xeración Nós* (Risco, Otero e, sobretudo, Castelao) até datas mais recentes. Na obra do debuxante galeguista Alfonso R. Castelao, muito popular na década de vinte, está presente esta ideia da emigração americana como um fracasso, tanto individual quanto também coletivo, tal como sugere uma das mais conhecidas vinhetas da sua obra gráfica: "En Galicia non se pide. Emígrase".

Acho que resulta necessário revisar estas ideias recebidas e insistir no componente transformador que exerceu esta massiva emigração galega para a América [4]. Com certeza, isto é algo que já conheciam bem os coetâneos e que grande parte da literatura e da imprensa do momento tratava de refletir, sobretudo em revistas ilustradas que tanto na Galiza europeia quanto na americana se dirigiam ao mercado da emigração. Sirvam de exemplo, na Galiza, cabeceiras como *El Emigrado* (A Estrada, desde 1916) e *Vida Gallega* (Vigo, desde 1909) e, na outra beira do oceano, *Almanaque Gallego* (Buenos Aires, desde 1898) ou *Eco de Galicia* (La Habana, desde 1917). Mas por razões que seriam longas de explicarem (entre elas, a própria "difamação" que uma parte das elites cultas galegas exerceu sobre o passado da Galiza), ficou na obscuridade este perfil da emigração como um facto muito mais complexo que o que sugere a qualificação de ter sido uma "renúncia à revolta", como sentencia um dos livros mais influentes do moderno nacionalismo galego [5].

Contudo, algumas vozes coetâneas advertiam claramente sobre a necessidade de compreender a emigração como uma ocasião e não como um abandono. É o caso de autores como Lois Peña Novo, jovem líder do catolicismo agrário e posteriormente do nacionalismo político galego ou de Ramón Castro López, pároco de uma pequena paróquia rural do sul da província de Lugo e autor de uma meritória obra sobre a emigração galega. Este autor, que tinha uma formação vagamente regeneradora, conhecia bem a situação da emigração galega na América e os seus efeitos na Galiza não só pela sua experiência como pároco rural, mas também por ser irmão do diretor durante trinta anos do *Almanaque gallego* e do *Eco de Galicia*, publicações ambas que saíram à luz em Buenos Aires. A tese central deste autor era claramente optimista e crítica com a opinião que então se tinha da questão migratória na Galiza, ao asseverar

4 VILLARES, 2011.

5 BEIRAS, 1973, 29.

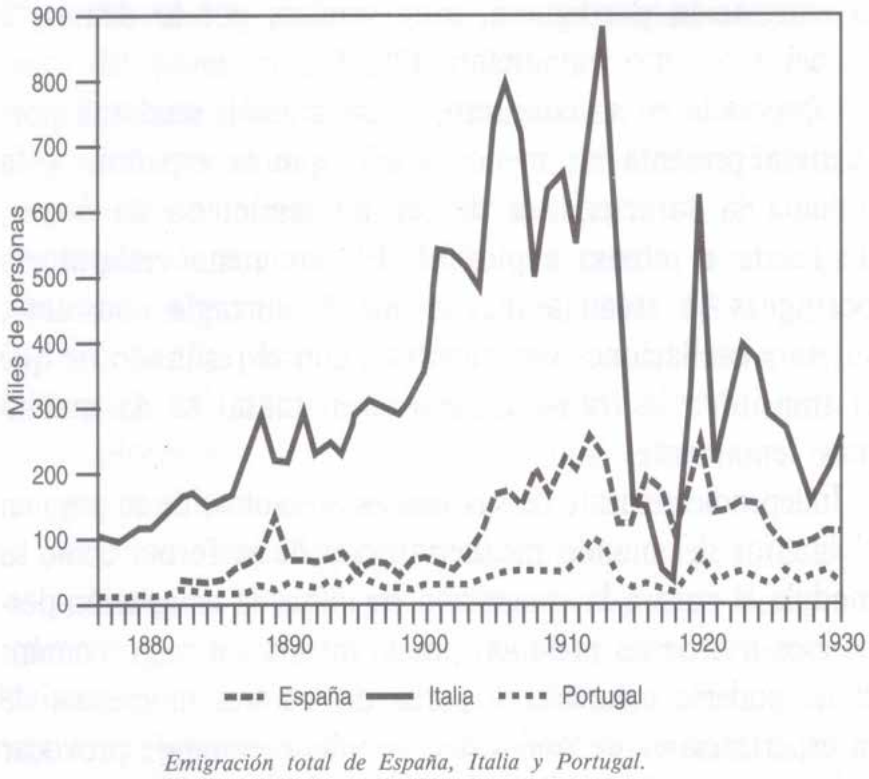
"que la emigración no fue un mal para la agricultura gallega, sino un bien que la fomentó en sumo grado; aunque piensen lo contrario muchos pesimistas y poco observadores de lo que en los campos gallegos pasa" [6]. À luz dos conhecimentos atuais apresentados por duas das investigações mais sólidas e ambiciosas sobre a questão migratória galega [7], pode concluir-se que a "visão negativa" da emigração galega, por muito presente que se encontre no "imaginario social de los gallegos", carece do suficiente apoio empírico [8].

AS REMESSAS E A GALIZA

Esta participação da emigração na transformação da Galiza obriga a começar por uma reflexão inicial de carácter geral sobre a dimensão dos fluxos migratórios galegos com destino a América e sobre algumas das suas características mais decisivas. O primeiro que convém assinalar é que a conversão da Galiza num "país de emigração" se produz de modo tardio e na mesma época que outras regiões do sul de Europa se incorporam ao processo de emigração massiva para a América, isto é, por volta dos anos 1880-1890. O exemplo de Galiza guarda, pois, muitas analogias com estes países da *new emigration*, entre os que se acham pautas muito comuns, tanto no período temporário de maior intensidade das suas saídas quanto na procedência social dos emigrantes, ou nos destinos preferidos. As semelhanças da Galiza com regiões de alta intensidade migratória como o norte da Itália (Veneto o Piemonte) ou de Portugal (Minho-Douro) são muito mais claras do que com países de emigração como a Irlanda ou Escócia, muito mais precoces no seu abandono dos seus respetivos países de origem [9].

6 CASTRO LÓPEZ, 1923, 84.
7 VÁZQUEZ GONZÁLEZ, 1999; SOUTELO, 2011.
8 SOUTELO, 2011b, 168.
9 BAINES, 1991; CARMAGNANI, 1994.

GRÁFICO N.º 1
Emigração para a América da Espanha, Itália e Portugal



Fonte: CARMAGNANI, 1994.

Os paralelismos do modelo da emigração galega para a América com estas regiões europeias meridionais, além de atingir o seu caráter massivo de forma tardia da relativa invariabilidade dos seus destinos, estão no facto decisivo de se tratar de umas sociedades agrárias de pequena e meia propriedade que começaram a experimentar mudanças muito profundas por ocasião da crise agrária de fim de século. Além disso, no caso dos fluxos migratórios galegos para a América, os destinos foram relativamente menos invariáveis do que na emigração portuguesa (concentrada hegemonicamente no Brasil) e mais restritos que no exemplo italiano, que deixou a sua marca no Brasil, na Argentina e nos Estados Unidos de América. Os emigrantes galegos tiveram, entre 1880 e 1930, dois destinos hegemónicos: a Argentina e Cuba, representando a primeira

por volta do 50% do total da emigração galega e Cuba, um terço dela. Face a esta hegemonia argentino-cubana, o resto de destinos foram muito menos significativos (Brasil, Uruguai, Venezuela e México).

A participação da Galiza nos fluxos migratórios da España para o exterior no período de emigração massiva foi muito importante, até o ponto de constituir a primeira região migratória espanhola por número de saídas, com taxas de ordem de 20 por mil nas décadas de 1900 a 1920. Dos algo mais de 5,3 milhões de emigrantes espanhóis do período 1836-1936, uns dois milhões fizeram-no desde portos da Galiza, o que representa que, cerca do 38% destas saídas, esteve protagonizado por galegos [10]. Isto explica, entre outras razões, a difusão do gentílico "galego" aplicado de forma genérica a todo imigrante espanhol na maioria dos países da América Latina, especialmente na Argentina, Uruguai e Cuba, embora nesta difusão atuem também outras razões, que têm a ver com a imagem e os estereótipos criados por outras coletividades de imigrantes como os *tanos*, em clara competência com os "*gayegos*", como se passa na Argentina da época do aluvião imigratório [11].

As causas explicativas dos movimentos migratórios são tão complexas que não permitem uma explicação unívoca. Deixaremos de lado as razões de atração que a facilidade dos transportes ou a apertura dos países de destino influenciaram de modo decisivo na decisão tomada por aqueles que emigravam. É importante destacar mais a natureza da sociedade rural da que partiram os emigrantes galegos e as razões que os incitaram para não romperem os laços com a sua comunidade originária. É de lembrar que a sociedade rural galega de finais do século XIX se caraterizava por um estabelecimento disperso sobre o território, pequenos cultivos e trabalhadores da terra que tinham conseguido manter historicamente certos direitos sobre ela, graças a uma secular defesa das vantagens do regime de foros por parte dos camponeses. Era, em acertada definição de um geógrafo francês (Bouhier, 1979), um "vieux complexe agraire" fundado na integração da pequena exploração camponesa e um extenso espaço não cultivado diretamente (o «inculto» ou monte comunal) que fortalecia o papel da casa, mas também o da comunidade rural.

Pode dizer-se que as razões que tinham os emigrantes para manterem compromissos e vínculos com a sua terra natal derivavam, mais que da nostalgia ou da saudade, de uma sustentada posse do "domínio útil" sobre a terra que trabalhavam,

10 SOUTELO, 2011b: 152.

11 NUÑEZ SEIXAS, 2002; LOJO, et al., 2008.

mas também da fortaleza que conseguiu manter a comunidade rural evitando que os extensos bens de domínio público (cerca de três quartas partes do território da Galiza) fosse nacionalizado ou privatizado ao abeiro das leis de desamortização. O vigor da sociedade agraria galega constituiu um poderoso imã para os emigrantes decidirem "devolver" à sua terra de origem parte dos recursos obtidos nos países americanos. Estas ações foram, em alguns casos, o resultado de decisões individuais de pessoas com fortuna, o que responde à imagem mais clássica do «indiano» retornado. No entanto, o mais frequente foi, porém, que a intervenção da emigração sobre a realidade de Galiza foi feita de um modo mais modesto mas nem por isso menos eficaz. Por um lado, através de remessas e apoios prestados pelos emigrantes às suas próprias famílias, o que é comum à maioria das emigrações de retorno. E, por outro, através de micro-sociedades de âmbito mais ou menos paroquial que, com pequenas contribuições dos seus afiliados, conseguiram canalizar um importante capital para as obras colectivas para realizar na sua terra de origem.

É conveniente referir-se a outras diretrizes do modelo migratório da Galiza para explicar a importância que tiveram as remessas de dinheiro à sua terra de origem. Trata-se, em primeiro lugar, de uma emigração com uma elevada taxa de masculinidade, por volta do setenta por cento. São muitas as vozes que alertam na imprensa coetânea sobre a inconveniência das mulheres galegas emigrarem, sobretudo a Cuba, por razões geralmente de ordem moral. Mas esta insistência quase tópica não reflecte tanto uma posição sexista quanto uma legitimação de um modelo de emigração em que o emigrante fazia parte de um grupo doméstico estabelecido em duas terras diferentes: pais e mulher, na Galiza, filhos e marido na América. Esta cisão familiar, bem distinta dos modelos migratórios em que se produzia o desarreigamento completo da unidade familiar, favorecia em grau muito elevado os retornos, temporários ou definitivos, e ademais conservava-se viva uma relação familiar e comunitária entre ambas as beiras do Atlântico.

Desta relação dos emigrados na América com a sua terra de origem, há inúmeras confirmações. Em primeiro lugar, através de um intenso associativismo de carácter étnico e de escala micro-societária que é característica básica destas colectividades de emigrantes. Além da fundação de grandes «Centros Gallegos», como os de Montevideo (1879), Buenos Aires (1907) ou La Habana (1914), surgiram na América vários centos de pequenas sociedades mútuas ou de instrução, de dimensão paroquial ou distrital, que atuavam de uma forma capilarizada sobre a população galega imigrada que lutava por conservar (ou recuperar), em certo sentido, a sua

própria identidade cultural [12]. Esta prática micro-societária foi um caso único no conjunto das coletividades de emigrantes europeus estabelecidos na América desde finais do século xix até meados do século xx, tanto pela quantidade de recursos fornecidos quanto pelo destino de carácter comunitário a que foram dedicados.

Este esforço associativo explica-se não só pela vontade de reconstruir nos países de destino a "comunidade de origem" [13], mas também porque se mantinha como uma alternativa factível a possibilidade de retornar para grande parte dos emigrados na América. Por esta razão, eram tão intensos os vínculos dos núcleos emigrantes com o seu lugar de procedência. De facto, o comportamento cultural e lúdico dos emigrantes galegos na América reflecte esta permanente relação com a sua terra. As festas que eram celebradas em Buenos Aires ou em La Habana coincidem nos mesmos dias que o patrão da paróquia da Galiza; as refeições e ágapes que organizam estão cheios de produtos alcunhados nostalgicamente com «denominações de origem» galegas, quer o vinho ou as batatas, quer as carnes ou as sobremesas; o matrimónio por poderes entre jovens que se encontram nas duas beiras do Atlântico está à ordem do dia; e, naturalmente, a facilidade e rapidez do transporte favorece não só uma emigração sazonal, que vai e vem à safra cubana, mas também uma alta taxa de retornos temporários.

Esta frequência de relações humanas entre ambas beiras do oceano baseava-se na facilidade que existia para a viagem transatlântica. A maior parte das grandes companhias de navegação europeias tinham os seus representantes e consignatários nos portos da Corunha e Vigo, o que facilitava as viagens dos emigrantes. O conhecimento das situações em que aqueles se encontravam era muito exata não só através da imprensa coetânea, mas também de uma nutrida literatura epistolar que atingia os lugares mais recônditos da geografia galaica [14]. Tudo isto convertia o oceano Atlântico num espaço mais de união do que de separação entre os habitantes de uma e outra beira, como testemunham numerosos textos literários ou de ensaio coetâneos. O geógrafo Ramón Otero Pedrayo observava, no seu ensaio sobre a paróquia galega nos anos vinte, que havia paroquianos que tinham cruzado o oceano pelo menos nove vezes e algo semelhante registra Ramón Castro López no seu livro sobre a emigração. E basta olharmos a imprensa da emigração, seja nos jornais como *El Emigrado* (A Estrada) ou em revistas ilustradas como *Vida Gallega* (Vigo), para perceber o carácter quotidiano e próximo que tinham as duas Galizas

12 VIDAL, 2007; A. VÁZQUEZ, 1999; PEÑA SAAVEDRA, 1991.

13 VIDAL, 2007.

14 NUÑEZ-SOUTELO, 2005.

nas notícias divulgadas, nas figuras valorizadas e nos gestos apreciados. Para dizê-lo com palavras do patriarca Otero Pedrayo, tomadas do seu magnífico discurso universitário de 1954: "La aldea gallega está más cerca en la inquietud y esperar de cada día de Buenos Aires, de La Habana, que de cualquier ciudad española".

Isto remete-nos a um segundo aspecto que sustenta esta continuidade Galiza-América. A emigração galega é constituída, em grande maioria, por pequenos camponeses que não só não tinham sido espoliados das suas terras ou feitos proletários, mas também que mantinham razoáveis expectativas de se converterem em pequenos proprietários. Devido ao peculiar sistema de herança e de partilhas da riqueza rústica, igualitário de forma predominante, e à extrema valorização da propriedade da terra como símbolo de riqueza e de "status" social, o emigrante não perdeu a titularidade dominial sobre as suas terras na Galiza. Inumeráveis instrumentos notariais, registrados nos consulados espanhóis, e muitos mais papéis privados subscritos entre particulares, testemunham esta pertinaz adesão do emigrante à propriedade da terra que herdou dos seus antepassados na Galiza. No entanto, mais além destas manifestações individuais, resulta evidente que, boa parte das estratégias seguidas pelos emigrantes galegos, se dirigiram à conquista da propriedade da terra, fosse mediante a redenção de foros, fosse adquirindo terras em aluguel e parceria, fosse comprando casarios ou paços de fidalgos depauperados.

Durante o primeiro terço do século XX, a Galiza experimenta um profundo processo de transformação de todas as suas estruturas. Produz-se uma ampla conquista de propriedade no mundo agrário, tanto no que diz a respeito da eliminação dos foros quanto na individualização de amplos espaços comunais. Surge assim a figura do pequeno proprietário parcelário, que se manteve como principal expressão do tecido sociológico do agro galego até tempos recentes. Tem lugar também uma renovação da estrutura das cidades, com uma ampliação notável das principais urbes da Corunha e Vigo e a aparição de uma densa malha de vilas, tanto no litoral quanto no interior, em que se estabelecem os principais núcleos comerciais, os mercados de gado (feiras) e os serviços que prestam "cameranos", maragatos e comerciantes vindos do interior da Península, alcunhados genericamente na literatura da *xeración Nós* como os "castellanos" ou, para o dizer com as pejorativas palavras de uma conhecida obra de Vicente Risco, seriam a expressão de um "*porco de pé*" (1928).

O cumprimento destas transformações deveu-se a um conjunto de razões, desde a mobilização social que experimentou o agro galego através do "agrarismo" [15] até a

15 CABO VILLAVERDE, 1998.

mais forte integração da produção agrária galega no mercado interior espanhol [16]. Mas o factor que mais influiu nesta transformação e que serve de fio condutor para o conjunto foi o facto migratório. Graças ao tráfico de emigrantes, gerou-se um notável enriquecimento da sociedade urbana galega, tanto na sua variante de burguesia comercial de consignatários e de casas de banca estabelecidas nos principais portos de saída quanto nas vilas cabeceiras de comarca que ampliaram a sua oferta económica graças à promoção de feiras locais, apertura de pequenos comércios e expansão da sua trama urbana, como testemunha uma recente investigação cheia de numerosos e espacialmente variados exemplos locais [17]. Mas foi no mundo rural onde foi percebido de modo mais imediato a influência da emigração, graças às remessas de dinheiro procedentes da América.

Sobre o papel das remessas dos emigrantes existe, como é sabido, uma abundante literatura que mesmo tem enfatizado o papel desempenhado por elas na aparição de estruturas bancárias, desde o norte da Península ibérica até o sul da Península italiana [18]. No caso da emigração galega, mesmo sem conhecer muito pormenorizadamente este aspecto, temos indícios suficientemente solventes que nos permitem avaliar a importância destas remessas para o conjunto da economia galega. Em conformidade com as estimações do líder político e jornalista Lois Peña Novo realizadas em 1929, o montante das remessas enviadas a Galiza, no período mais intenso de 1918-1924, seria de 300 milhões de pesetas anuais. Esta quantidade mais que duplicava então o valor das reses de gado exportadas desde Galiza para os principais centros consumidores espanhóis, triplicava o valor das exportações de conservas de pescado procedentes da moderna industria conserveira criada na ria de Vigo desde finais do século xix e superava em quinze vezes o valor da madeira exportada através dos portos galegos na mesma altura. Em resumo, que "las remesas aumentaron a un ritmo superior al de los valores generados por los sectores productivos más dinámicos de la economía gallega de la época, o bien sus valores absolutos superaban sobradamente a los de aquéllos (exportaciones y pesca)" [19].

Dispomos de informações parciais de natureza qualitativa e de algumas de ordem quantitativa. Entre as primeiras, distinguem-se as estimações de muitos autores coetâneos que puseram a ênfase frequentemente na importância da chegada do dinheiro da América. Estas estimações não sempre concordam, mas

16 VILLARES, 1982; CABO, 1998.
17 SOUTELO, 2011.
18 GARCÍA LÓPEZ, 1992; ROSA, 1964.
19 VÁZQUEZ, 1999: 913.

pelo menos mostram uma tendência. Para o político liberal Eduardo Vincenti, autor de uma das primeiras "guía del emigrante" [20], as remessas chegadas à Galiza em 1906 estariam por volta dos 48 milhões de pesetas, enquanto que para um jornalista retornado de América, Julio Dávila, o montante seria em 1912 de uns 60 milhões [21]. A cifra mais admissível para aqueles anos é a oferecida pelo político conservador galego e ministro de Fomento e de Fazenda com Maura, Augusto González Besada, quem numa conferência pronunciada no Centro Gallego de Madrid, a começos do ano 1907, argumentava com grande precisão não só sobre a quantia das remessas, mas também o seu destino:

> "En Galicia ingresan anualmente de 40 a 50 millones de pesetas, en giros (...). Con ellos pagan los labradores las contribuciones al Estado, las rentas de la propiedad al señorío, compran aperos y semillas, reedifican la casa y redimen la suerte del servicio militar".

O elenco dos destinos das remessas visíveis fornecidas pelos emigrantes está bem resumido na frase de González Besada. Reparemos no assunto central do pagamento de «las rentas de la propiedad al señorío», com a ressalva do arcaísmo do léxico utilizado. O que estava a acontecer na Galiza desde começos do século passado foi que se estava a produzir uma derrota do rentista e um acesso do camponês à propriedade plena da terra. Por outras palavras, estava a eliminar-se a posição do "senhorio" (quer dizer-se, do requerente de rendas forais) graças à ação implementada pelos lavradores. No entanto, além desta impressão mais ou menos certeira de um dirigente político, dispomos agora de confirmações empíricas mais sólidas que reforçam esta tese. Nas minhas pesquisas sobre as transformações da propriedade da terra numa comarca do interior da Galiza, pude dispor dos fundos de uma pequena casa bancária local, a banca Benito de Soto, fundada a finais do século xix e em activo até os anos setenta do século passado. Na altura de 1893-1936, ingressaram naquela banca por volta de 56 milhões de pesetas procedentes de giros americanos, dos que o 60% correspondem ao período 1919-1931 [22].

O estudo dos seus "Libros Mayores" permitiu comprovar empiricamente a estreita relação entre envios de dinheiro desde as repúblicas ibero-americanas e a transformação da agricultura da comarca, medida através da redenção massiva

20 VINCENTI, 1908: 17.

21 VÁZQUEZ, 1999: 897 e ss.

22 VILLARES, 1982: 401 e ss.

dos foros e a adquirição de muitas casas e «lugares» de cessão arrendatícia ou em parceria. A evolução paralela de taxas de emigração para América, chegada de remessas a esta banca local e processo de redenção de foros é bastante estreita, de forma que é evidente a correlação entre uns e outros comportamentos (ver gráfico n.º 2). Algumas pesquisas posteriores, fundadas igualmente em fontes privadas da pequena casa de banca dos Domínguez (Caldas de Reis), confirmam claramente esta importância das remessas migratórias na melhora das atividades agrarias ou na apertura de pequenos negócios locais [23].

GRÁFICO N.º 2
Remessas americanas e redenções forais na comarca de Chantada (Lugo) (1895-1935)

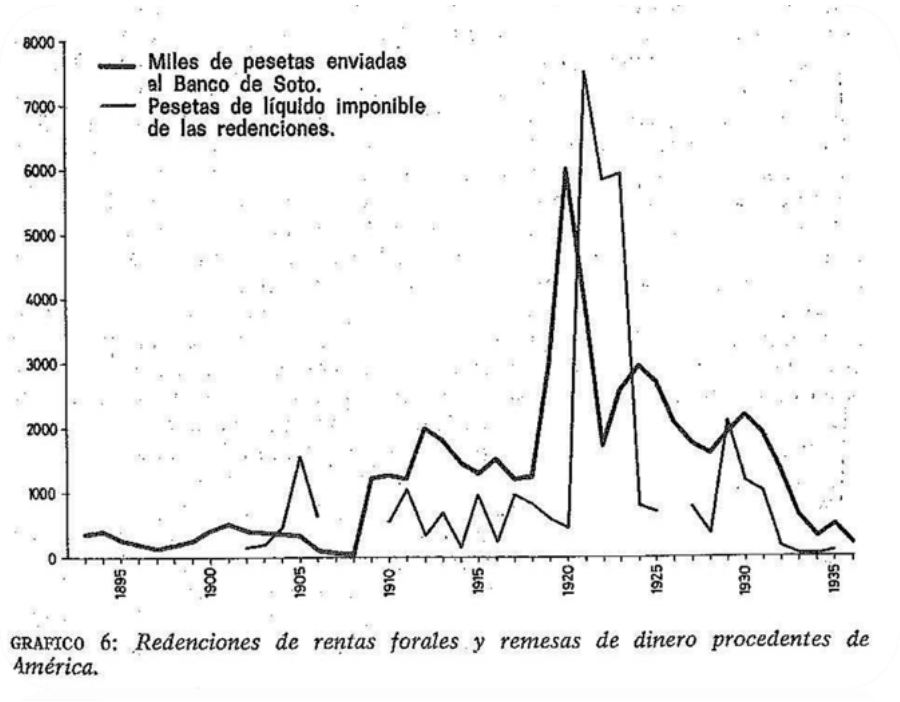


GRAFICO 6: *Redenciones de rentas forales y remesas de dinero procedentes de América.*

Fonte: VILLARES, 1982.

23 SOUTELO, 2011: 558 e ss.

Os fundos de origem migratória foram destinados prioritariamente no investimento na propriedade da terra, ao servir para eliminar a divisão dominial da propriedade da terra e converter o camponês pagador de renda num pequeno proprietário parcelário. Mas González Besada também fazia referência às "sementes" e às "ferramentas de agricultura". Embora para então ainda estava nos seus começos a Granja Agrícola de Monelos e era débil a penetração no sector agrário galego das novidades técnicas próprias da "segunda revolução agrícola", pode assegurar-se que grande parte da inovação técnica que acomete a agricultura galega durante o primeiro terço do século atual também é inseparável das remessas americanas, quer pela compra de maquinaria, quer pela melhora genética do efetivo pecuário [24]. Mesmo a instalação de centros experimentais inovadores, como a Granja Agrícola em Ribadeo, fundada em 1904, é pela ação benéfica do indiano Pedro Murias, homem dedicado ao fabrico do tabaco na ilha de Cuba [25].

Entretanto, há outro tipo de remessas, menos visíveis em certos aspectos, que exerceram talvez maior influência na modernização da Galiza neste primeiro terço do século xx, como são as de carácter cultural e político, e é destas das que também temos de ocupar-nos. Um exemplo disto foi a dotação de um equipamento educativo, á margem ou complementar do que correspondia às instituições oficiais espanholas. A obsessão dos emigrantes por combaterem a ignorância e a falta de ilustração dos seus conterrâneos tem raízes antigas. Desde os séculos da época colonial tinham vindo aparecendo na Galiza fundações de carácter filantrópico que tinham o seu principal objetivo na criação de escolas de ensino básico. Alguns destes «indianos», sobretudo na segunda metade do século xix, conseguiram uma justa reputação pela sua generosidade. Basta citar as figuras como Blanco de Lema (Cee), Pedro Murias (Ribadeo) García Barbón (Verín) ou os irmãos García Naveira (Betanzos) para o confirmar.

Mas a grande novidade da contribuição que os emigrantes fizeram no âmbito educativo foi a fundação na América das "sociedades de instrução" nos tempos da emigração massiva, com especial intensidade na altura de 1907 a 1912. O número de associações fundadas em América, geralmente de carácter micro-societário (os emigrantes de uma paróquia ou de uma pequena comarca) foi de 665, com

24 FERNÁNDEZ PRIETO, 1992.
25 CABANA, 2002.

uma ligeira sobre-representação dos residentes na ilha de Cuba (um 40,5% do total) com relação ao seu peso relativo no conjunto dos destinos migratórios dos galegos [26]. Desta numerosa capacidade de associação, a metade das sociedades fundadas tiveram fins culturais e educativos e foram as promotoras de uma verdadeira malha escolar própria na Galiza do primeiro terço do século xx e, além disso, as responsáveis de terem criado uma "cultura escolar" na sociedade galega, graças à sua defesa da educação como uma alternativa para melhorar ou, no seu caso, impedir o processo migratório. A sensibilidade dos emigrantes pela educação e a cultura não era, porém, uma resposta direta ao seu possível déficit educativo, senão um apelo a favor da sua melhora, pois é sabido que o grau de alfabetização da população que emigrava era muito superior ao do conjunto da população total da Galiza: um 58,8% dos emigrantes do período 1900-1909 estava alfabetizado frente ao 35,6% do conjunto da Galiza em 1910 [27].

O resultado deste esforço coletivo foi a criação das "escolas de americanos", que corrigiram desta maneira o enorme déficit que Galiza tinha, a começos de século, em centros de ensino primário. Os cômputos mais sensatos estabeleceram que, por volta de 250 escolas, foram criadas na Galiza, em que funcionaram ao redor de 326 aulas de ensino [28]. Toda esta dotação comunitária sufragou estas "sociedades de instrução", o que supôs, em muitos casos, a construção de edifícios, dotação de material escolar e uma inovadora orientação pedagógica. Um imenso esforço que teve a virtude de desempenhar um papel substitutivo da tarefa que tinha de cumprir a administração pública espanhola. Entretanto, além da importância quantitativa desta rede educativa, pelo demais bem estudada já pelos trabalhos dos historiadores da educação Peña (1991), Costa (2004), Gabriel (2006), Malheiro (2006), acho pertinente fazer algumas observações complementares, derivadas da própria orientação da emigração e da estrutura agrária das comarcas galegas onde esta dotação educativa foi mais significativa (ver mapa n.º 1).

26 VÁZQUEZ, 1999: 415.
27 VÁZQUEZ, 1999: 412.
28 PEÑA SAAVEDRA, 2012.

MAPA N.º 1
Escolas fundadas pelas "sociedades de instrução" dos emigrantes galegos na América

Fonte: PEÑA SAAVEDRA, 2012.

A primeira observação tem a ver com a sua situação espacial. A geografia das escolas construídas ou apoiadas pelas sociedades de instrução não é uniforme em toda a Galiza. Há quatro grandes comarcas que têm vantagem nesta dotação cultural: o Baixo Miño, em especial a emblemática comarca do Val Miñor; a zona do Deza e Trasdeza; a comarca de Santiago de Compostela e o seu contorno para o vale de Barcala e, em quarto lugar, toda a Galiza setentrional, desde a *Terrachá* vilalbesa e as *Mariñas* do Eume até a *rasa* do norte, onde desde Ribadeo a Ortigueira aparecem dúzias de escolas por cada partido judicial. O que acho mais destacável deste esforço é que se produz em comarcas que estavam então desenvolvendo uma enorme tarefa de transformação da sua agricultura, tanto na posta em exploração dos espaços comunais quanto na especialização do gado e no êxito da comercialização dos excedentes pecuários. O exemplo da comarca de Ortegal, cuja "Federación Agraria" está muito bem estudada [29], talvez sirva de paradigma desta confluência de esforços: a dos galegos da emigração que enchem de entusiasmo todas as suas iniciativas de regeneração cultural e económica; e a dos galegos que aqui permaneceram, que são o suporte organizativo e os beneficiários diretos desse esforço.

Mas nesta especialização espacial dos equipamentos educativos também temos de observar um efeito complementar. Escolas e jornais sufragados por emigrantes estabelecem-se naquelas comarcas onde não tinha grande relevância o problema foral, de forma que muitas das remessas chegadas da América puderam ter este destino alternativo. No centro e sul do território da Galiza, as remessas da emigração tiveram de cobrir necessidades derivadas de uma peculiar estrutura da propriedade, onde a consecução de um protagonismo histórico por parte dos camponeses teve de ser pagado com o suor dos seus irmãos emigrados: esta é a imagem da Galiza central, a que A. Bouhier define como *les terroirs* à *"agras"* [30], a de maior densidade de povoamento desde os tempos pré-históricos, de melhor colonização monástica medieval, a mais nutrida de castelos e paços *fidalgos* e, em suma, a Galiza dos foros e as pequenas terras de cultivo.

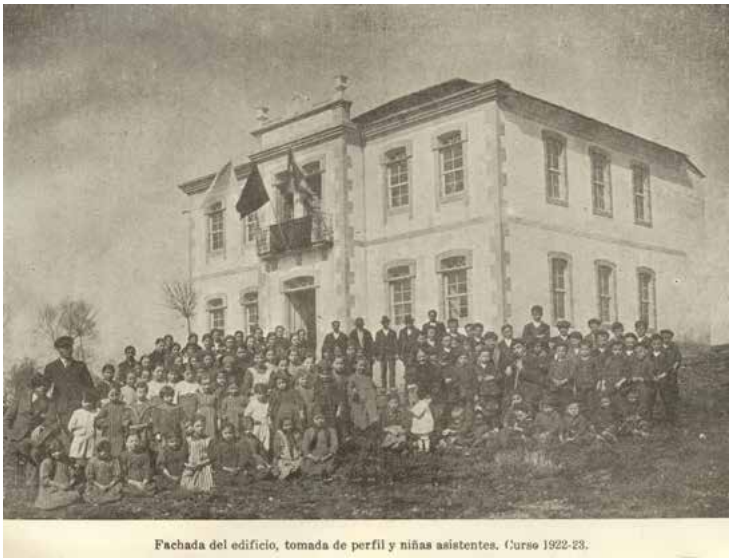
Ao contrário, a Galiza do norte, a das terras de cultivo mais "acasaradas", com uma riqueza comunal de "montes de vara" mais próximos à propriedade particular, de poucos foros e menos paços e mosteiros, compensa agora o seu déficit histórico de educação e cultura com esta enorme dotação vinda desde a emigração. Frente

29 ROSENDE, 1988.

30 BOUHIER, 1979: 241 e ss.

à Galiza central, esta outra Galiza da imigração medieval "britona", que agora adquire vantagem pelo seu dinamismo agrário, associativo e cultural – como já o fizera a finais do século XVIII no período da industria rural doméstica –, graças à contribuição que lhe oferecem as suas numerosas coletividades de emigrantes, em grande parte estabelecidas na ilha de Cuba.

FIGURA N.º 1
Inauguração em 1916, em Santaballa (Vilalba), da escola promovida pela sociedade de instrução, Liga Santaballesa (Cuba)



Fonte: PEÑA SAAVEDRA, 2012.

O apoio dos emigrantes no campo cultural se não reduziu só à construção de escolas, mas também se manifestou igualmente no apoio de muitos jornais (quer de carácter cultural, quer de orientação *agrarista*) e associações que desempenharam um importante papel na modernização política do agro galego. Mas este esforço em matéria educativa também nos ilustra sobre o papel que para o imaginário do emigrante desempenhavam a instrução e a formação. Como é sabido, os fluxos migratórios tinham na informação um dos seus principais nervos. Informação que remetia não só ao conhecimento das possibilidades abertas pelos países de destino, mas também uma valorização muito enfatizada sobre as vantagens que a educação tinha para o emigrante. Muitas das escolas construídas pelas sociedades

galegas de instrução tinham como ponto de começo a tomada de consciência dos emigrantes efectuada no seu contacto com as sociedades ibero-americanas urbanizadas e terciarizadas. Neste sentido, o esforço educativo cumpria um duplo papel. Por uma parte, contribuía a formar melhor a futuros emigrantes, tal como mostram o tipo de ensino e as matérias propostas por muitas "sociedades de instrução" para as escolas que promoviam; e, por outra parte, tratavam de igualar pela via educativa o nível de alfabetização e de formação dos emigrantes galegos com as existentes nos meios urbanos em que, de forma hegemónica, se instalavam os chegados desde a Galiza nos países americanos.

Outro campo onde a chegada da emigração foi decisiva é na política e na aparição de instituições culturais e de identidade na Galiza. No âmbito político, a contribuição da Galiza emigrante constitui um capítulo essencial para a conformação do movimento *agrarista* e, desde logo, para a evolução do *galeguismo* político. O apoio das sociedades de emigrantes ao *regionalismo* e, posteriormente, ao nacionalismo configurado por *As Irmandades da Fala* teve a sua melhor expressão durante o período da ii República. De facto, dois grandes protagonistas da autonomia galega, como Ramón Suárez Picallo e Antón Alonso Ríos, foram «enviados» pelas coletividades de galegos na Argentina para desenvolver o seu trabalho político na Galiza a favor da luta pelo Estatuto de Autonomia. E igualmente foi decisiva esta tradição de apoio dos emigrados para acolher o numeroso exílio galego após a guerra civil, quando Buenos Aires se converteu na capital cultural e política da Galiza, com Castelao e o Consello de Galiza como principais referentes individual e coletivo.

A contribuição da emigração ao movimento político e cultural do galeguismo está fora de toda dúvida. Mas também resulta do maior interesse a intervenção dos emigrantes na regeneração da vida política local, em especial fomentando a participação na política municipal e apoiando a criação de novas redes de sociabilidade política em vilas e municípios rurais. Tudo isto não é quantificável nas remessas de dinheiro nem na construção de casas-escola nem granjas experimentais ou cemitérios públicos; mas não por isso resulta menos apreciável nesta visão global da emigração como um elemento central na modernização da Galiza do primeiro terço de século [31]. Em todas as análises de escala local que se têm feito até o momento, quer em Vilalba ou A Estrada, quer em Caldas de Reis-

31 NUÑEZ SEIXAS, 1998; SOUTELO, 2011a.

Valga ou em A Peroxa-Amoeiro, o papel dos "americanos" é essencial tanto na formação de um tecido societário agrarista quanto na publicação de jornais de orientação *regeneracionista* e *anti-caciquil*. Um ilustre político vilalbês, então todavia em preparação, Lois Peña Novo, soube resumir no jornal local *El Ratón*, fundado pelo seu irmão Antonio e de clara orientação *anti-caciquil*, a vinculação existente entre as duas beiras políticas do Atlântico, em setembro de 1913:

> "De Cuba viene el dinero que sé necesita para atajar el hambre de años míseros; de Cuba viene el dinero para todas las obras benéficas que aquí hacemos; en Cuba se fundan sociedades de instrucción(...) para levantar en las parroquias edificios escolares donde educar a la juventud que el municipio y el Estado abandonan; de Cuba tienen que venir, por consiguiente, los vientos de fronda que barran para siempre el obstáculo de todo progreso: el caciquismo imperante, enemigo de la instrucción, de la beneficencia y del bienestar del pueblo".

No campo estritamente cultural e institucional, a contribuição da emigração galega é também muito profunda e sustentável no tempo. Poderíamos sintetizar esta contribuição com dois aspectos. Por uma parte, no caráter sustentável de uma densa rede de publicações periódicas de temática galega não só em terras americanas, mas também galegas. Grandes cabeceiras jornalísticas como *El Eco de Galicia*, de Buenos Aires e de La Habana, dão conta do tamanho desta contribuição. Mas também foi decisiva a promoção de casas editoras e de edições de obras emblemáticas da cultura galega, tanto em língua galega quanto espanhola. Quase todos os grandes autores da cultura galega contemporânea gozaram da edição de alguma das suas obras em América, desde Rosalía de Castro (*Follas Novas*, La Habana, 1880) ou Manuel Murguía (*Historia de Galicia*, La Habana, 1893) até M. Curros Enríquez, Ramón Cabanillas ou Basilio Álvarez. Tradição editorial que se enriqueceria posteriormente com o exílio republicano e a sua grande contribuição à edição em México e na Argentina, com figuras essenciais como Luis Seoane em Buenos Aires.

O papel da emigração no "descobrimento" e revalorização da cultura galega, especialmente da sua língua, foi também decisivo e, em certa maneira, superior ao desempenhado pelas elites culturais metropolitanas até a aparição do moderno nacionalismo político de *As Irmandades da Fala*, a finais da Grande Guerra. Exemplos deste apoio são o protagonismo das coletividades de emigrantes na promoção e o caráter sustentável de algumas das instituições de maior poder

simbólico do *regionalismo* cultural. O caso mais evidente é a fundação da Real Academia Galega, em 1906, promovida desde a Galiza pelo historiador Manuel Murguía, mas com o apoio decisivo procedente da "Asociación Iniciadora y Protectora de la Academia Gallega", constituída em La Habana o ano anterior, baixo a presidência do poeta Manuel Curros Enríquez e do "patriota" José Fontenla Leal. Outros exemplos desta presença do apoio emigrante às iniciativas institucionais estabelecidas na Galiza seriam a criação de um *Panteón de Galegos Ilustres*, com o traslado a ele das cinzas da poeta Rosalía de Castro (1891), a ereção de alguns monumentos de caráter patriótico como o levantado em honor dos "mártires de Carral" (1904), a difusão por parte dos emigrados em Cuba do "hino regional" composto pelo poeta Eduardo Pondal e musicado por Pascual Veiga (La Habana, 1907) ou a fixação de uma bandeira, feita também a instâncias das coletividades emigrantes [32].

CONCLUSIÓN

A influência que na Galiza exerceram os emigrantes "americanos" ou "habaneiros", fossem ou não retornados, foi todavia mais ampla que a referida nos aspectos anteriores. A arquitectura galega, sobretudo no norte da Galiza, viu-se enriquecida com os gostos adquiridos na América, cheios a partes iguais de entusiasmo modernista e de ostentação aldeã. Alguns dos melhores arquitetos galegos da época, como R. González Villar, Ciorraga ou Palacios, tiveram como clientes especiais a "indianos" sinalados, como os irmãos García Naveira ou García Barbón e a muitos retornados mais anónimos. A Universidade de Santiago, graças ao esforço de um emigrante em Buenos Aires, Gumersindo Busto, viu-se enriquecida desde começos de século com a *Biblioteca América*, então e hoje jóia da bibliografia americanista [33]. Muitos movimentos associativos formados na Galiza, especialmente no campo do *agrarismo* (católico, republicano ou "neutro"), tiveram nos emigrantes "retornados" os seus primeiros líderes e propagandistas em comícios e jornais; as cidades e vilas galegas acrescentaram os seus bairros modernos graças à instalação em "ruas do Progresso" de emigrantes que aprenderam os rudimentos da cultura cidadã e urbana em Buenos Aires ou em La Habana; a vida quotidiana, tanto nas aldeias

32 BARREIRO-VILLARES, 2007.

33 CAGIAO VILA, 2005.

quanto nas vilas, viu-se mudada pelos gostos e modas importadas pelos emigrantes, que trouxeram automóveis que chamavam "haigas", mas também gramofones que difundiam o gosto pela música e popularizavam "tangos" argentinos e "congas" cubanas. Boa parte da cultura galega actual é, pois, devedora deste esforço, individual e coletivo, personalizado e anónimo, que fizeram a favor da sua terra de origem "indianos" amantes da ilustração e coletividades de emigrantes que trataram de combater as causas que a eles os tinham levado longe da terra. Acho que a frase de Labra invocada ao começo, segundo a que "Galiza se não compreende sem a América", se têm uma confirmação plena é no período que aqui analisamos, o que coincide com a época da emigração massiva para a América, desde finais do século xix até os anos trinta do século passado.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Baines, Dudley, 1991 – *Emigration from Europe: 1815-1930*. Macmillan: Basingstoke.

Barreiro, X.; Villares, R., 2007 – *Os simbolos de Galicia*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega-Real Academia Galega.

Beiras, Xosé Manuel, 1972 – *O atraso económico de Galicia*. Vigo: Editorial Galaxia.

Bouhier, Abel, 1979 – *La Galice. Essai geographique d'analyse et d'interpretation d'un vieux complexe agraire*. La Roche-sur-Yon

Cabana, Ana, 2002 – *Pedro Murias, tabaqueiro na Habana, indiano na Devesa*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.

Cabo Villaverde, Miguel, 1998 – *Historia de Galicia. O agrarismo*. Vigo: Edicións A Nosa Terra.

Cagiao Vila, Pilar, 2005 – "La 'Biblioteca América' de la USC: los primeros años", in GUTIÉRREZ, Escudero; A.-LAVIANA Cuartas, M. L. (coords.), *Estudios sobre América, siglos XVI-XX*. Sevilla: Asociación de Estudios Americanistas.

Castro López, Ramón, 1920 – *La emigración en Galicia*, A Coruña [Reedição recente na revista *Gallegos*, 7, 2009]

Carmagnani, Marcelo, 1994 – *Emigración mediterránea y América. Formas y transformasciones*. Colombres. Archivo de Indianos.

Costa Rico, Antón, 2004 – *Historia da educación e da cultura en Galicia*. Vigo: Edicións Xerais.

Eiras Roel, Antonio (ed.), 1993 – *Aportaciones al estudio de la emigración gallega. Un enfoque comarcal*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.

Fernández Prieto, Lourenzo, 1992 – *Labregos con ciencia. Estado, sociedade e innovación tecnolóxica na agricultrura galega, 1850-1939*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia.

Fernández Prieto, Lourenzo, 2000 – *Terra e progresso*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia.

Gabriel, Narciso de, 2006 – *Ler e escribir en Galicia. A alfabetización dos galegos nos séculos XIX e XX*. A Coruña: Servizo de Publicacións, Universidade da Coruña.

Garcia López, J. R., 1992 – *Las remesas de los emigrantes españoles en América. Siglos XIX y XX*. Colombres: Archivo de Indianos.

Lojo, Maria Rosa; Guidoti, Marina; Farías, Ruy, 2008 – *Los "gallegos" en el imaginario argentino. Literatura, sainete, prensa*. A Coruña: Fundación Barrié de la Maza-Consello da Cultura Galega.

Malheiro Gutierrez, X. M., 2006 – *As escolas de emigrantes e o pensamento pedagóxico*. Sada: Ediciós do Castro.

Nadal, Jordi-Carmona, Joan, 2005 – *El empeño industrial de Galicia. 250 años de historia*. A Coruña: Fundación Barrié de la Maza.

Nuñez Seixas, Xosé Manuel, 1998 – *Emigrantes, caciques e indianos. O influxo sociopolitico da emigración transoceánica en Galicia, 1900-1930*. Vigo: Edicións Xerais.

Nuñez Seixas, X. M., 2002 – *O inmigrante imaxinario. Estereotipos, representacións e identidades dos galegos na Arxentina (1880-1940)*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.

Nuñez Seixas, X. M.-Soutelo, R., 2005 – *As cartas do destino*. Vigo: Editorial Galaxia.

Otero Pedrayo, Ramón, 1954 – *Vivencias, dolor y esperanza de la emigración gallega*. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela.

Peña Saavedra, Vicente, 1991 – *Exodo, organización comunitaria e intervención escolar*, 2 vols. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, Santiago de Compostela.

Peña Saavedra, Vicente, 2012 – *Luces de alén mar*. Catálogo da mostra. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega.

Rosa, G. de, 1964 – *Il Banco di Napoli nella vita economica nazionale, 1863-1883*. Napóles: L'Arte Tipografica.

Rosende, Ánxel, 1988 – *O agrarismo na comarca do Ortegal*. Sada: Ediciós do Castro.

Soutelo, Raúl, 2011a – *Emigración, cambio social e politización na Galicia rural: 1880-1960. Unha perspectiva local e microsocial*, Universidade de Vigo, Ourense (Tese Doutoramento).

Soutelo, Raúl, 2011b – "A emigración galega entre 1900 e 1931: causas, características, actores e consecuencias", in Actas do Congreso *Emigración e Educación (1900-1936). I Centenario das Escolas da Unión Hispano-Americana Valle Miñor (1909-2009)*. Gondomar: Instituto de Estudos Miñoranos.

Vázquez, Alejandro, 1999 – *La emigración gallega a América, 1830-1930*, 2 vols., Universidade de Santiago de Compostela (Tese Doutoramento, em publicaçâo parcial in Fundación Barrié de la Maza/Consello da Cultura Galega, A Coruña, 2013).

Vidal, Xosé Antonio, 2007 – *A Galicia antillana. Formación e destrucción da identidade galega en Cuba*. A Coruña: Fundación Barrié de la Maza/Consello da Cultura Galega.

Villares, Ramón, 1982 – *La propiedad de la tierra en Galicia, 1500-1936*. Madrid: Siglo XXI Editores.

Villares, Ramón, 2011 – "Vellas e novas formas de entender a emigración", in Actas do Congreso *Emigración e Educación (1900-1936). I Centenario das Escolas da Unión Hispano-Americana Valle Miñor (1909-2009)*. Gondomar: Instituto de Estudos Miñoranos.

Villares, Ramón; Fernández Santiago, Marcelino, 1996 – *Historia da emigración galega a América*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.

Vincenti, Eduardo, 1908 – *Estudio sobre emigración. Guías especiales para América y Argelia*. Madrid: Imprenta Hijos de M. G. Hernández.